

**A CICLICIDADE DISTÓPICA EM *SOB OS PÉS, MEU CORPO INTEIRO*,  
DE MARCIA TIBURI - O PRESENTE QUE REVISITA O PASSADO**

Luana de Carvalho Krüger\*

Eduardo Marks de Marques\*\*

*Recebido em: 19/05/2020. Aceito em: 22/06/2021.*

**Resumo:** *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018), de Márcia Tiburi, é uma distopia que conta a história de Alice, mulher que foi torturada durante a ditadura militar, apesar de não ter envolvimento direto com os movimentos políticos, e que vive à sombra da história de sua irmã, Adriana. Alice, ao encontrar com Betina, filha de sua irmã, começa a relembrar o que viveu. Nesse cenário de memórias, a personagem também apresenta uma São Paulo distópica, em que problemas políticos e ambientais são cada vez mais presentes, tornando insustentável a vida na capital paulista e se aproximando, em alguns aspectos, de um espaço de repressão social. Neste trabalho, procura-se entender como a relação presente, passado e futuro pode relevar a distopia dentro e fora dos aspectos ficcionais. Para tanto, utiliza-se pesquisadores como Vieira (2010) e Hilário (2013) para explorar o conceito de distopia e literatura, bem como Pires e Santos (2018) e Possas (2018) para discutir aspectos da ditadura militar brasileira. Desta forma, identifica-se a obra como influente para as discussões de ditadura militar brasileira e de aspectos sintomáticos e preocupantes da política brasileira.

**Palavras-chave:** Distopia. Ditadura Militar. Literatura Brasileira. São Paulo.

## **Introdução**

*Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018), de Marcia Tiburi, é uma narrativa distópica ambientada na cidade de São Paulo, em uma temporalidade próxima dos dias atuais, tendo em vista as relações históricas apresentadas na obra que permitem situar as personagens em um tempo presente. A narrativa mostra o caos tanto em relações políticas, quanto em questões ambientais geradas por uma má gestão política e que reflete na vida dos habitantes de grandes cidades.

A distopia conta a história de Alice de Souza, uma mulher que passou pelo período da ditadura militar brasileira, compreendido entre 1964 e 1985, e que assumiu a identidade de Lúcia. Alice, mesmo não tendo envolvimento direto com a ditadura, pois não participava de nenhum grupo

---

\* Mestra em Letras - Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Pelotas. Doutoranda em Letras pela mesma instituição.

\*\* Professor Associado nível 3 da Universidade Federal de Pelotas, Curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês.

e/ou organização que se posicionava contra o regime militar, foi torturada e teve que sair do país para sobreviver. No início da obra, a narrativa cria um embaralhamento em relação às personagens, pois Alice é identificada como morta, no entanto, no túmulo jaz o corpo de sua irmã, Adriana, cujo envolvimento com movimentos contra a ditadura era ativo, mas que acabou trazendo uma consequência irreparável, a morte.

A história dessas irmãs é apresentada no primeiro capítulo, quando, ao chegar em seu túmulo, Alice depara-se com uma jovem chamada Betina, que ela desconfia ser sua filha. Aqui é como se uma caixa de pandora tivesse sido aberta, pois ela vê a necessidade de confrontar sua própria história e reviver momentos marcantes em sua trajetória:

Sem saber explicar o que eu sou, de repente, tomada de uma coragem que só encontrei em minha vida nos momentos de fuga, digo a ela que não se assuste, que preciso fazer uma revelação. Que, de fato, conheci Alice e Adriana, convivi com elas muito de perto. [...] Ao dizer, Alice e Adriana é como se uma senha me obrigasse a perguntar em segredo quem eu sou agora. (TIBURI, 2018, p. 17-18).

Nesse processo de tentar reconhecer a si mesma e a sua própria história, toma forma a história de Alice, contada por Lúcia, como se a própria assumisse uma outra personalidade para entender o que aconteceu em seu passado e consiga ir adiante. Entre uma mistura de nomes que também carregam histórias, vivências que são difíceis de ser externadas, principalmente dentro de um espaço onde a história é constantemente apagada, é que a narrativa ganha forma e, aos poucos, vai desvendando a identidade desta narradora e da sua história com a irmã. Clodoaldo Meneguello Cardoso (2014), ao falar sobre o “Golpe militar – 50 anos: memória, história e direitos humanos” no livro *Ecos da ditadura na sociedade brasileira (1964-2014)*, diz que:

As narrativas do passado, alegres ou tristes, modulam nossa identidade, nos ensinam a viver com consciência o presente e a preparar o futuro. É manter a memória viva para que as lindas histórias nunca se acabem e as tristes, jamais voltem a acontecer. Mas nem todos pensam assim. Os poderosos que causaram o sofrimento injusto procuram apagar ou ocultar o passado para enfraquecer o espírito do povo. Eles sabem que povo sem memória viva é um povo culturalmente frágil. Por isso, o esforço do resgate da memória de tempos sombrios é sempre uma luta de resistência, uma luta de libertação. (CARDOSO, 2014, p. 7- 8).

Ao falar sobre o apagamento da história, Cardoso (2014) apresenta uma definição que parece dialogar com a definição de narrativas distópicas apresentada por Leomir Cardoso Hilário (2013), no artigo intitulado “Teoria crítica e a literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade”, em que se lê:

O *romance distópico* pode então ser compreendido enquanto *aviso de incêndio*, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos. (HILÁRIO, 2013, p. 202, grifos do autor).

Esse conceito permite o entendimento de um processo em que se percebe distorções da verdade, um forte juízo de valores e imposições políticas que se refletem na sociedade de forma negativa e que, como o pesquisador diz, devem ser evitados para que não se chegue a um momento em que seja impossível reverter toda e qualquer ação imposta. Ao passo que Cardoso (2014) fala sobre a intenção de apagar a história e o posicionamento político necessário para que isso não aconteça, Hilário (2013) traz o aviso de que é importante observar a história e os fatos ocorridos para que não sejamos enganados.

A narrativa distópica de Tiburi parece unir a presente realidade com um fato histórico ainda pouco abordado na literatura contemporânea brasileira e que parece cada vez mais necessário de ser revisitado, tendo em vista o rumo político que o país tem (re)tomado. A esperança desta definição de “*aviso de incêndio*”, e das distopias no geral, é a projeção para o futuro, o aviso que permite que o pior seja evitado, como o incêndio referido por Hilário (2013), pois mesmo com as marcas dos seus danos – as cinzas – precisa ser apagado:

Distopias que não deixam espaço para a esperança de fato falham em sua missão. Sua verdadeira vocação é fazer o homem perceber que, uma vez que é impossível para ele construir uma sociedade ideal, então ele deve estar comprometido com a construção de uma sociedade melhor. (VIEIRA, 2010, p. 17, minha tradução)<sup>1</sup>.

Propõe-se, neste artigo, analisar a obra *Sob os pés, o meu corpo inteiro*, de Marcia Tiburi, a partir de uma perspectiva que compreende a distopia não somente como um alerta para causas futuras, mas como sinal do presente, observando como as personagens da obra, em principal Alice/Lúcia e Betina, conseguem subverter o que está posto como fato irreversível. Além disso, observa-se o quanto a narrativa apresenta elementos sintomáticos da realidade atual do país e da cidade de São Paulo, possibilitando refletir se o papel desta distopia ainda pode trazer um alerta para a realidade ou se ela somente expõe aquilo que já está posto socialmente. Deste modo, procura-se compreender o papel da narrativa distópica que retoma fatos históricos do Brasil neste período em que há a ascensão de um governo autoritário.

---

<sup>1</sup> Do original: *Dystopias that leave no room for hope do in fact fail in their mission. Their true vocation is to make man realize that, since it is impossible for him to build an ideal society, then he must be committed to the construction of a better one.*

## O aviso de incêndio: o passado de Alice/Lucia, o presente de Betina

A narrativa apresenta um deslocamento espaço-temporal que, por mais que deixe em aberto as consequências do futuro, já apresenta situações presentes na vida das personagens, como consequência das decisões políticas atuais do governo. Desse modo, apesar de ser possível projetar um futuro ainda mais caótico, a obra traz elementos que dialogam com o presente não-ficcional, sendo é possível fazer relações diretas entre espaço ficcional e a realidade atual do país:

*Viver em São Paulo não é viável. Criar um menino nessa cidade é assustador [...] As coisas vão muito mal politicamente, a violência, o racismo, a alimentação industrial, não temos qualidade de vida. [...] A falta de água, Lúcia, não nos permitirá continuar nessa cidade.* (TIBURI, 2018, p. 26, grifos da autora).

A descrição de São Paulo, as decisões tomadas por governantes, as manifestações políticas da população, o impedimento de manifestações artísticas, bem como a apatia de personagens secundárias deixam claro os sinais de que as coisas não estão como deveriam e que um incêndio começa a surgir, ou já se alastra pela cidade:

O objetivo das distopias é analisar as sombras produzidas pelas luzes utópicas, as quais iluminam completamente o presente na mesma medida em que ofuscam o futuro. Elas não possuem um fundamento normativo, mas detêm um horizonte ético-político que lhes permite produzir efeitos de análise sobre a sociedade. (HILÁRIO, 2013, p. 205).

Tais luzes utópicas mencionadas por Hilário (2013) retomam a ideia de que para toda utopia há uma distopia, ou seja, em todo ideal de uma sociedade perfeita que possui um funcionamento excepcional, também é possível encontrar falhas e indivíduos insatisfeitos e/ou que não se encaixam nos padrões estabelecidos nessa sociedade, “[...] a utopia sempre tem um ‘lado obscuro.’”<sup>2</sup> (VIEIRA, 2010, p.15, grifos da autora, minha tradução). Enquanto algumas pessoas parecem perceber o que acontece com São Paulo e a gravidade do que ocorre, outras parecem ignorar tais fatos e/ou não são capazes de perceber para onde estão indo. Antônio, por exemplo, observa São Paulo como um lugar em que os seus sonhos serão realizados, ainda que ele não tenha tido sucesso até então: “[...] os do interior, os perdidos na cidade grande [...] não entendem certas coisas. Aqueles que ainda desconhecem a regra pela qual não se deve esperar nada de ninguém.” (TIBURI, 2018, p. 105). A mãe de Alice e de Adriana repreende Betina por decidir morar na cidade de São Paulo, pois sabe que lá não é um lugar tranquilo. Ela ignora o fato de que a neta possui objetivos

---

<sup>2</sup> Do original: *utopia also has a ‘dark side’*.

políticos importantes para estar lá. Em uma carta, a vó diz que “Betina poderia se candidatar por lá mesmo ou que poderia ajudar os partidos locais como fazem outras mulheres.” (TIBURI, 2018, p. 61), em uma tentativa de convencer a neta a ficar e ignorando que em São Paulo a neta poderia encontrar respostas para a história de sua mãe. Enquanto alguns ignoram o que acontece, outros preferem se afastar de todo e qualquer problema que possa existir.

O entrelaçamento entre utopia e distopia diz também sobre as formas de governar e remete a obra de Tiburi, principalmente, ao momento de ditadura militar, que nem todos viam como um momento de repressão na história. León, que mantinha um relacionamento com Alice, pode ser um típico exemplo de alguém que concordava com o período ditatorial e, conseqüentemente, ia contra todos aqueles que procuravam de alguma forma resistir aos limites impostos pelo governo:

Pedi que telefonassem para León Neves de Melo. [...] O coronel que me interrogava riu, e seguido por seus soldados, gargalhou [...] disse, ainda que entre soluços de riso, que León não podia querer me salvar dali [...].  
E foi assim que vim a saber que León era um informante. (TIBURI, 2018, p. 75).

León, além de denunciar Adriana e Alice, camuflou-se para descobrir o que estava acontecendo; logo percebe-se o quanto ele tinha intenções que estavam de acordo com o regime militar. Sua ação em nenhum momento pode ser considerada ingênua ou inocente, tendo em vista que toda sua aproximação de Alice tinha segundas intenções.

Trazer a discussão de um espaço distópico no Brasil, relacionando-o com o período da ditadura militar, ou seja, colocando em jogo relações entre passado, presente e futuro torna-se pertinente em um momento em que parece que estamos retornando à era de repressões e silenciamento, ainda que não se compare ao ocorrido na ditadura militar, parece apontar para o mesmo caminho. Fatima Vieira (2010), no texto “The concept of Utopia”, traz uma discussão sobre esse conceito como um gênero literário que parece pertinente para a discussão proposta neste artigo. A pesquisadora diz que:

Uma das principais características da utopia como gênero literário é sua relação com a realidade. Os utopistas partem da observação da sociedade em que vivem, anotam os aspectos que precisam ser mudados e imaginam um lugar onde esses problemas foram resolvidos. (VIEIRA, 2010, p. 8, tradução minha).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Do original: *One of the main features of utopia as a literary genre is its relationship with reality. Utopists depart from the observation of the society they live in, note down the aspects that need to be changed and imagine a place where those problems have been solved.*

Esse conceito não parece estar muito distante daquilo que Hilário (2013) define como distopia, tendo em vista que tal observação se torna importante para que seja possível alertar para os eventos que estão ocorrendo de modo a impedir que eles aconteçam. Ainda que o objetivo deste artigo não seja discutir os conceitos de utopia e distopia, considera-se importante trazer definições para que seja possível compreender o que é apresentado aqui como conceito base para discussão e que acaba dialogando com o próprio texto narrativo. Se os conceitos de distopia e utopia acabam presentes em um mesmo entendimento e definição de ideal, eles também acabam aparecendo, ainda que sutilmente, no texto literário, em que é possível encontrar personagens que observam o mundo.

Além disso, a ideia de que esses textos partem do princípio da observação do mundo em que vivemos, evidencia fatos políticos, sociais, históricos e/ou ambientais que dialogam com a realidade, mesmo estando presentes em uma obra de ficção. Parece, portanto, ser impossível ler uma distopia e/ou uma utopia sem um olhar atento à realidade presente no momento de criação da obra de ficção.

Uma possível leitura da obra de Márcia Tiburi pode ser realizada a partir da comparação entre elementos da narrativa e fatos históricos ocorridos no Brasil. Ainda que esta seja uma obra de ficção e, portanto, não possui nenhum compromisso com a realidade, não há como deixar de observar a literatura como um sintoma que traz elementos que dialogam com a realidade e/ou que dialogam com situações presentes em uma sociedade. Um dos exemplos é em relação à política e aos políticos: “Nenhum deles fala da falta de água que dizima a cidade. A televisão oculta esse fenômeno que conhecemos por meio da imprensa alternativa cada vez mais escondida” (TIBURI, 2018, p. 17).

Trazer a discussão sobre a ditadura militar em um momento em que há a ascensão de um governo autoritário de direita, que institucionaliza discursos militarizados e de repressão, indica a necessidade de se observar o andamento do país, além de permitir que seja possível, pelo meio literário e de ficção, projetar os incêndios futuros para que, se possível, eles sejam evitados:

Apesar dos avanços sociais nos governos pós-ditadura, o Estado brasileiro continua, em grande parte, sob a tutela das elites conservadoras. Então, convivemos ainda com as torturas, justicamentos, ditadura midiática, criminalização dos movimentos sociais e exclusão de grande parte da população aos direitos de justiça, salário digno, moradia, alimentação, saúde, educação gratuita, lazer... são os traços das desigualdades e do autoritarismo de nosso país. (CARDOSO, 2014, p.12).

Além disso, a ditadura militar brasileira apesar de aparecer na literatura e discussões históricas, carece de aprofundamento em suas discussões e ampliação da discussão para diversos setores, de modo a deixar com que esse acontecimento não seja esquecido e/ou negado pela população:

Ainda que os últimos anos tenham testemunhado a produção de diversos livros voltados para a compreensão da ditadura militar brasileira, bem como a ampliação de debates e reflexões sobre seus significados e consequências para a democracia no país, é forçoso reconhecer que ainda há um amplo desconhecimento de setores da população sobre esse período. Esse desconhecimento [...] tem consequências perversas, como se observa na legitimidade crescente de discursos na esfera pública que defendem abertamente se não o retorno da ditadura, ao menos a utilização de soluções autoritárias para os problemas do país. (PERLATTO, 2017, p. 738).

Na obra, o que encontramos é o resgate de uma história e o posicionamento dos envolvidos diante dos fatos. Os avós de Betina parecem querer esquecer o que aconteceu, diante do trauma sofrido. Alice, fica em contato luta com o que lembra e o que quer esquecer, no entanto, recorda esses momentos após encontrar Betina. Esse encontro é determinante para que ocorra o desassossego da narrativa, faz com que a personagem principal desloque o foco narrativo, colocando-se como uma outra pessoa, Lucia, para que então seja possível revisitar sua própria história. Alice coloca-se como uma terceira pessoa de sua própria história, e entre invenções e distorções da realidade, conta a Betina e para si mesma tudo que ela e a irmã viveram: “Prefiro seguir assim enquanto eu mesma tento entender o que se passa comigo, e, como não sei o que dizer, me permito criar histórias, desviar significados, trocar Alice por Adriana, [...] e me manter sóbria, a salvo de ser eu mesma.” (TIBURI, 2018, p. 71).

A personagem conta do seu não envolvimento com os grupos contra a ditadura, sua aproximação com León que, na verdade, se revelou o delator de tudo que ocorria com sua irmã, Adriana, e os seus amigos. Passa pela infância delas como uma amiga, Lucia, que conta sobre o período ditatorial e inverte os papéis, por vezes, como um recurso para entender a si mesma. A narradora diz:

Exponho minhas razões para mim mesma quando posso e elas mostram que sou nada, que não sou ninguém, e que pouco sei quem é ou foi a pessoa com quem convivi, minha irmã, ou o que realmente aconteceu com ela. Sei que está morta, sei que estou viva, que fiquei em seu lugar sem nunca, no entanto, ocupá-lo. (TIBURI, 2018, p. 71).

Essa dificuldade de Alice também é reflexo de sua infância e do quanto ela era constantemente comparada à irmã, sempre sendo ela a inferiorizada. León, inicialmente, parece ser um escape de tudo aquilo que era ruim para Alice, pois, junto dele, não era comparada com a irmã: “León era sorvetes, algodão-doce, maçã do amor e sexo adolescente no cinema vazio, no hotelzinho sujo, em sua casa nas tardes frias em que viver ainda se confundia com um simples passatempo.” (TIBURI, 2018, p. 69). Depreende-se, dessa passagem, que as denúncias eram parte de uma grande organização, com pessoas que se disfarçavam dos papéis mais cotidianos e corriqueiros, e que qualquer um poderia estar disfarçado para denunciar os outros:

O projeto de repressão e controle brasileiro constitui-se em uma ampla rede de espionagem, censura e sofisticada propaganda política, agindo sob a aparente legalidade, embora tenha reutilizado os cemitérios públicos com valas clandestinas para acobertar corpos de prisioneiros torturados. (POSSAS, 2014, p.100).

Através da denúncia de León, Alice acaba sendo presa e confundida com Adriana, mantida sob tortura com o intuito de que entregasse nomes e contasse tudo o que sabia sobre os movimentos contra as imposições do governo. Trazendo essa situação para o presente de Alice, deve-se apontar o envolvimento de Betina com as questões políticas e as semelhanças em relação àquele momento vivenciado pelas irmãs. Assim como Adriana, a filha de Alice não tem medo ou passa por cima do seu próprio medo para lutar pelo que acredita: “Betina não conta detalhes sobre o que faz. Seu silêncio é um modo de ser e, provavelmente, um modo de sobreviver.” (TIBURI, 2018, p. 40). Ela também está consciente do que acontece em São Paulo, faz aquilo que Adriana fazia e, de algum modo, acaba puxando Alice/Lúcia para o mesmo caminho que Adriana a levou. Desta vez, porém, há uma esperança nesse novo recomeço de Alice: “[...] seremos estranhamente felizes desta vez.” (TIBURI, 2018, p. 179).

A história, assim, parece cíclica, pois traz elementos que conectam a história das irmãs com a história de Betina. O constante ativismo político dessa última em um momento delicado dos direitos no país, dialoga muito com o modo como Adriana também desempenhava o seu papel político no período da ditadura militar: “[...] sempre excitada pela vida [...], a conversar com todas as pessoas, a definir estratégias, falas e ações [...] a abrir caminho para o possível e o impossível.” (TIBURI, 2018, p. 68). Sobre o ativismo político das mulheres na ditadura militar, Teles (2014) diz que:

[...] as mulheres participaram da luta contra a ditadura militar das mais diversas formas, não temeram as conseqüências, muitas tiveram suas vidas ceifadas. fizeram greves, passeatas, participaram da luta armada. sofreram a repressão, torturas, violências sexuais mas mantiveram a altivez. foram alvo da censura política. denunciaram seus algozes e defenderam as liberdades políticas e a anistia ampla, geral e irrestrita a todas as pessoas perseguidas e presas pela ditadura. Criaram novas formas de fazer política. Organizaram movimentos populares que desmascararam o ‘milagre econômico’ brasileiro responsável pelo arrocho salarial e inflação. (TELES, 2014, p. 123 – convertendo-se as aspas duplas do texto original em aspas simples fica indicado que o destaque é do/a autor/a).

Betina, na contemporaneidade, dá continuidade a essa luta, pois trabalha em um partido somente de mulheres e, por isso, corre riscos. Quando Alice pergunta o que deve dizer ao filho de Betina, João, ela responde: “[...] *nunca fale que estou no comitê, as coisas não vão bem, não quero que ele se assuste, depois explico a ele o que se passa.*” (TIBURI, 2018, p. 55, grifos da autora).



E assim como o ciclo repete-se entre Adriana e Betina, também Lúcia volta a ficar constantemente amedrontada com as decisões da filha. Percebe-se o quanto o ativismo constante de Betina converte-se em um gatilho para as memórias de Alice que, depois da tortura sofrida, parece temer mais ainda pela vida das pessoas que lhe são estimadas. Quando Betina desaparece por um tempo, ela fica apreensiva:

O telefone celular de Betina permanece desligado. Vou ao escritório do partido com medo de que falem que estou desconfiada de seu sumiço. As colegas me contam que ela se demitiu antes de viajar. Pode ser verdade, pode não ser. Vou à polícia. Em frente ao prédio, sem conseguir atravessar o portão, meus pés ficam no chão [...]. (TIBURI, 2018, p. 167).

Há aqui um instinto de proteção, de alguém que tem medo de que outro corpo também sofra o que ela sofreu no período da ditadura militar. Percebe-se o quando o corpo carrega e sofre com uma dor antiga, um medo constante de que os tempos sombrios retornem. Alice teme que Betina esteja passando por aquilo que ela passou, e ela teme perder Betina assim como perdeu a irmã. Junto a seu medo, surgem todas as memórias do sofrimento de Alice, e esse processo de relembrar um fato que a personagem tenta esquecer, além de se tratar de um processo de trauma, também diz sobre o próprio processo histórico de uma memória coletiva:

O tenso debate em torno da memória desse período pode ser mais bem compreendido quando temos em mente que a memória coletiva funciona como um quadro social constituído a partir de fatos, valores e crenças que servem de ponto de referência para os indivíduos e a sociedade como um todo. (BEZERRA, 2014, p. 36).

Observa-se que a ciclicidade da narrativa reforça a necessidade de se retomar a discussão sobre a importância de se relembrar os fatos históricos ocorridos pois eles dialogam com o momento histórico/político atual do país, em que se apresentam discursos semelhantes ao do período ditatorial: “[...] um dos vetores que marcaram a orientação ideológica do regime militar foi sua autocaracterização como uma instituição guiada por princípios católicos e familiares.” (BEZERRA, 2014, p. 38). Nesse sentido, o aviso desta distopia remete ao que pode ocorrer se a história se repetir e o quanto há de perigo se esse incêndio não for apagado.

### **O incêndio: as cinzas da cidade e do corpo**

Acredita-se que ainda que haja uma sombra de esperança, no final da narrativa, a obra é apresentada de forma cíclica. Há fatos que se apesar de não se repetirem, retomam momentos

históricos de conflito. Se, por algum momento, tudo parecer estar de melhorando, o fim da ditadura, a volta de Alice para o Brasil, a tentativa de retomada daquilo que foi perdido, mas mais que tudo uma certa esperança política de um tempo que não poderia mais ser retomado, o que Alice narra são pequenas ações que constantemente reafirmam um controle sob os indivíduos ao mesmo tempo que a falta de percepção do perigo desses indivíduos, como no trecho a seguir:

Não demonstram preocupação alguma com o pior dos mundos a ser conhecido assim que a polícia levá-las para prisão, uma por pichar um muro, a outra por ser sua cúmplice. Eu me pergunto por que estará grávida em uma época como essa quando já não se pode convidar ninguém a participar desse mundo. (TIBURI, 2018, p. 10).

A cidade é cinza, não chove. É através de Alice que se identifica algumas características de São Paulo. Ela refere-se à cidade como um espaço cinza, mas não é apenas cinza pelo número de prédios e construções que cercam a cidade, mas também por uma escolha:

Um psicopata atravessa a cidade pintando os muros de cinza e atormenta a população na rua. [...] Pergunto a Betina se ela não medo do psicopata que atormenta as ruas. *É uma lenda urbana*, me diz, *é só o prefeito que manda pintar de cinza cada pichação, cada grafite*. (TIBURI, 2018, p. 17, grifos da autora).

Essa passagem dialoga diretamente com o ocorrido em São Paulo no ano de 2017 quando o então prefeito João Doria de abertura ao projeto intitulado “Cidade Linda” e pintou muros da cidade. No artigo “A cidade de São Paulo e suas dinâmicas: grafitti, Lei Cidade Limpa e publicidade urbana”, Pires e Santos (2017) explicam que essa já era uma política adotada por outros governantes da cidade e que há tempos há um empate em *grafite* e as paredes cinzas de São Paulo (PIRES; SANTOS 2017, p. 03), mas que ganhou bastante repercussão no mandato de João Doria, pois:

Assim que assumiu a Prefeitura, prefeito deu início ao programa Cidade Linda e, entre as ações, ele pintou de cinza os murais de grafitti da avenida 23 de Maio, sob a alegação de que estavam deteriorados por pichações. O prefeito, que iniciou pessoalmente a pintura com tinta cinza (como parte de seu marketing político), chegou a declarar que o fez em uma área três vezes maior que a prevista [...]. (PIRES; SANTOS, 2017. p. 11).

Quem governa decide o que é bonito ou não, o que pode ou não ser arte. O que também passa a mensagem de quem é que manda e decide. Outro ponto é que não chove mais na cidade, o que faz com que a referência à “cidade da garoa” não seja mais verídica. Não chove em São Paulo e a escassez de água, bem como a poluição presente na água existente faz com que seja caro beber,

“[u]ma garrafa de água mineral custa tanto quanto uma dose de uísque mesmo nas padarias onde nos sentamos para comer por preços mais modestos.” (TIBURI, 2018, p.25).

A terra da garoa tornou-se a terra da chuva ácida quando a irônica sorte de chover se faz presente. Depois de tanto tempo sem chuva, os muros se confundem com a atmosfera em uma veladura que perdeu toda a cor. A terra seca nos canteiros mortos nos parques, nas avenidas e no que eram os jardins das casas ainda guarda os troncos das árvores e dos arbustos como facas enfiadas na carne. (TIBURI, 2018, p.16 - 17).

Isso também é um fato que remete a problemas existentes. A falta de água já é uma realidade em São Paulo, assim como em outras cidades do país. “Apesar de imensuráveis, os impactos socioambientais e econômicos da crise da água já emergiram ao mesmo tempo em que os conflitos pelo seu uso estão cada vez mais acirrados.” (JACOBI; CIBIM; SOUZA, 2016, p. 438).

Mas para além desses aspectos, também há uma característica presente nos habitantes de São Paulo, pessoas que parecem estar sem rumo e que acabam sendo o oposto de uma cidade que sempre foi identificada como ativa, onde as pessoas caminham por diferentes lugares e, ainda que com certa pressa e/ou indiferença, tem um destino a chegar:

Caminho pelas ruas a observar as pessoas que, como eu, seguem para lugar nenhum. Sento em um banco da praça da República quando me canso. [...] Uma mulher com sotaque do norte vem conversar comigo, quer saber que horas são e como se faz para sobreviver em São Paulo, eu olho para ela e sorrio, sem ter o que dizer. (TIBURI, 2018, p. 20).

São Paulo parece estar se definhando, assim como quem vive por lá. Não é incomum observar obras distópicas que apresentam lugares apagados, sem cor, sem ação, sem diversão pelas ruas. Lugares com restrições. Da mesma forma, o comportamento dos habitantes desses espaços, em geral, reflete o medo e/ou o apagamento de lugar e de si. Obras como *Fahrenheit 451* (1953), Ray Bradbury e *1984* (1949), de George Orwell deixam claro o quanto a repressão de pessoas também é imposta pela repressão do espaço.

Nessa obra, portanto, parece que o aviso é a retomada de uma história, os fatos que se repetem que direcionam para um acontecimento caótico e que foi vivenciado por muitos indivíduos que ainda estão vivos e que, interessantemente, parece se repetir com a mesma naturalidade anterior. O não estranhamento de muitos diante de fatos preocupantes também parecem reforçar uma sociedade apática, que acaba aceitando tudo aquilo que é retirado de direitos e/ou não suprido pelo estado, quando isso deveria ser uma das coisas que ele deveria fazer:

Ligo a televisão à procura de um jornal que me jogue em uma realidade qualquer. Nos jornais apenas propagandas de passagens baratas para Miami e notícias de assaltos praticados por meninos negros nos bairros devastados pela seca sobre a qual ninguém fala. As imagens dos assaltos não aparecem, apenas a maldade do narrador. A violência real que governa a cidade sempre foi ocultada assim como é a ameaça de retirada coletiva da população por falta de água. (TIBURI, 2018, p. 35).

Tal apatia é presente em obras distópicas clássicas como as citadas acima, no entanto, o fato de a história começar a se repetir parece ser um agravante na narrativa de Marcia Tiburi, pois parece remeter a um ciclo vicioso e constante de crises sociais e políticas que impedem um final esperançoso e/ou que direcione o leitor para a compreensão de que existem possibilidades de mudanças.

Logo, retomar a história de Alice, trazendo a ditadura militar como um momento marcante e perturbador para a personagem, coloca em discussão os traumas carregados pela personagem e, de alguma forma, uma visão crítica diante dos pequenos atos de repressão no presente da narrativa. Alice parece perceber o que acontece, inclusive, de uma forma distinta ao modo como ela observava o período da ditadura militar antes de ser torturada. Como ela não tinha envolvimento direto com tudo que acontecia, parecia colocar-se distante do coas político em que o país se encontrava. Quem participava dos atos políticos e tinha maior consciência do que estava acontecendo era Adriana. Talvez pela rejeição familiar e pela dificuldade de enturmar-se, Alice tinha dificuldade em se aproximar de tudo que a irmã estava fazendo e, portanto, apesar de saber, ficava distante:

Desde que crescemos, nos tornamos ramos bem distantes de um tronco comum que mirrou guardando toda energia para o seu galho mais potente. Eu tinha vergonha de ser a irmã da Adriana, uma espécie de irmã atrasada e não fazia questão de estar por perto desses seus momentos de trabalho, de expansão e até mesmo de esplendor. (TIBURI, 2018, p. 68).

É somente depois que ela começa a perceber o que acontecia, o perigo que corria ao relacionar-se com León, É Alice quem permite que León perceba tudo que está acontecendo entre Adriana e os amigos, bem como o lugar em que eles se encontram. Ela acaba confiando em León, sendo ele o único que parece dar atenção para ela. Antes de ser presa, parece que tudo ainda estava distante da sua realidade. Isso se repete com as personagens no momento presente, todos andam pela cidade, mas poucos parece se importarem com o que acontece, ou possuem coragem para manifestar suas revoltas:

A falta de conhecimento é uma característica corrente em muitas distopias. Pessoas que são ignorantes a realidades melhores, a experimentos e características ruins da sociedade em que vivem, são mais facilmente controladas. O conhecimento é um poder no manejo da sociedade. (PEREIRA, 2017, p. 62).

Restringir o conhecimento e/ou não valorizar esses saberes é um meio de fazer com que poucos deem valor para isso. Atos constantes de manutenção e restrição do saber faz com que se torne normal ou corriqueiro não gostar de algo. Assim foi com os livros em *Fahrenheit 451* (1953), por exemplo. O medo imposto em falar sobre os acontecimentos políticos e se manifestar de alguma forma é uma forma de calar aqueles que falam e amedrontar aqueles que poderiam perceber os erros constantes. O que no período ditatorial era calado com a tortura, ou seja, prendendo aqueles que tinham voz, torturando-os para descobrir outros nomes e fazer o mesmo, agora é avisado pela repressão da arte nos muros, pelo apagamento de mídias alternativas e pelo constante espetáculo de coisas que não existem e/ou não fazem parte da realidade de grande parte da população:

A manutenção de um regime seja ele democrático ou totalitário é feita pelo engrandecimento do presente em paralelo com as mazelas sofridas no passado. Dessa forma, o controle do passado e da história está sempre a serviço do governo, não é habitual propagandas vinculadas que externalizem pontos negativos do presente regime e endeusem as antigas formas de organização social. (PEREIRA, 2017, p. 64).

Esse controle também se dá pelo apagamento dos fatos históricos relacionados a ditadura. Na obra, o único contato expressivo que temos com esse período é através das memórias de Alice e de algumas manifestações de Betina. As descrições de tortura sofridas por Alice são um ponto marcante da obra de Tiburi, pois colocam em cena aspectos da tortura no corpo feminino que são distintas daquelas sofridas por homens na ditadura militar. “O sistema repressivo não fazia distinção entre homens e mulheres, o que era diferente era a forma de torturar” (PRIOTTO, 2015, p. 10). No artigo “A insurgência do feminismo popular sob a ditadura militar”, de Maria Amélia de Almeida Teles (2014), há uma discussão sobre a tortura em mulheres e como as desigualdades apareciam nesses momentos:

As desigualdades das mulheres refletiam nas relações desiguais de poder dentro das próprias organizações de esquerda. Ao serem seqüestradas pelo inimigo, foram submetidas às torturas e principalmente a violência sexual, o estupro, o abortamento, o afastamento abrupto dos filhos, entre outras atrocidades. (TELES, 2014, p.118).

A citação de Teles retoma vários momentos da narrativa de Alice em que a personagem era constantemente atacada, chamada pelo nome da irmã e instigada a dizer algo, qualquer informação. Sua gravidez não foi um impedimento para que as torturas cessassem, muito menos qualquer outro pedido para que os torturadores parassem. Além disso, há o momento em que Alice acorda no hospital e tem contato com uma enfermeira e que, apesar de pensar que estava segura, na verdade ainda estava sob a vigia de muitos olhos inimigos:

[...] ela falou, tome três desses comprimidos por dia durante sete dias e, trocando a sisudez por um sorriso perverso, perguntou-me se eu conhecia o limbo. Não respondi. [...] Para finalizar, enquanto eu buscava entender o que me era dito, a enfermeira contou de modo muito objetivo que a criança havia sido afogada para o bem de todos. Contudo, quando disse que *não se deve colocar mais comunistas nesse mundo*, ela riu de um modo que eu jamais consegui compreender. (TIBURI, 2018, p.79, grifos da autora).

Para além da tortura militar, Alice sofreu uma constante tortura psicológica de Manoel, que se aproximou de Alice como um meio de constantemente machucá-la e lembrá-la da irmã Adriana. Ainda que não estejamos falando de agressões, há aqui marcas invisíveis que afetaram Alice durante o período de seu exílio e que fizeram com que ela tivesse ainda mais dificuldade de superar tudo que viveu, principalmente por não entender completamente tudo que havia acontecido.

Manoel, que parecia ser alguém que estava do lado de Adriana e de Alice, acabou sendo o ponto fraco de toda história. Como não aceitava o próprio erro cometido, ele optou por fazer a vida de Alice ruim, um constante remorso por tudo que aconteceu, além de culpá-la pela morte da irmã. Manoel não parecia preocupado com o que Alice sofreu durante o período em que foi torturada, pelo contrário, ele parecia querer que ela sofresse ainda mais, só que camuflando esse ideal em um ambiente mais seguro para ela. Assim, ele também teve um papel fundamental nas dúvidas e sofrimentos de Alice:

Eu estava cada vez mais afundada em brumas tanto mais densas quanto mais eu me esforçasse para entender. Consegui perguntar por Adriana. Manoel me disse que logo eu saberia dela. Que por antecipação eu já podia saber que a culpa era minha e que disso eu não deveria me esquecer. (TIBURI, 2018, p. 83).

Manoel era amigo de León, ainda mais perverso que o parceiro, entregou Adriana ainda que apaixonado por ela. Logo, não é de estranhar que ele ainda tenha mantido seus atos de crueldade, mesmo depois que tudo havia acabado, utilizando Alice como um estepe, ao mesmo tempo que torturando-a psicologicamente durante o tempo que viveram juntos.

A tortura que Alice sofreu é constante e duradoura. Um dos pontos a serem destacados é o quanto tais momentos da narrativa apontam para uma tortura que marca o corpo feminino, e, com isso, um peso de um pensamento de superioridade daqueles que torturavam essas mulheres, reforçando um comportamento machista da sociedade levado ao extremo em relação aos abusos ocorridos:

O ato de torturar era corriqueiro no cotidiano das mulheres militantes presas, usava-se variadas estratégias para torturar. Instrumentos, xingamentos e a consumação do estupro. Nessas situações a fragilidade feminina era sentida pelas mesmas na própria carne. (PRIOTTO, 2015, p. 08).

Percebe-se o quanto a tortura psicológica, apesar de não deixar marcas visíveis no corpo, também atingia aqueles que passavam por esse tipo de tortura. As mulheres ainda sofriam uma

pressão repressora que estava além da sua própria militância, pois reflete posicionamentos culturais e machistas presentes na sociedade. Ao falar sobre a tortura sofrida em cativeiro, Alice menciona o momento em que estava grávida. Mesmo não sabendo de nada, ela era constantemente forçada a dizer algo, qualquer informação, que pudesse justificar todos aqueles atos de violência. Sobre a tortura psicológica, ela menciona:

Faziam o que faziam enquanto riam. Riam muito, como só é permitido a quem perdeu ou nunca conheceu o senso de dignidade. Sempre riram. Sempre usaram a humilhação verbal como tática de aniquilação da pessoa que tinham como objeto no momento da tortura, vim a saber muito depois. *Essa é aquela, a santinha, a irmã da putinha*, eles diziam entre tantas frases impossíveis de guardar na memória, [...] que eu lembro mesmo que tenha evitado pensar nisso por décadas, porque foram tatuadas no meu corpo [...]. (TIBURI, 2018, p. 74, grifos da autora).

Esses acontecimentos ainda estão presentes em Alice, prova do quanto é difícil se manter estável depois de atos como o ocorrido. A personagem a cada instante que lembra de sua história, sofre. “Passados esses quarenta e tantos anos, conheço o peso das coisas com a força do tempo [...]. Aquele tempo de chumbo que não elimina do corpo, que passa a fazer parte dele.” (TIBURI, 2018, p. 159). Observa-se que não se trata somente de um corpo físico, mas do que o corpo representa em um processo de tortura dentro de um contexto político que, na realidade, envolve inúmeras histórias e corpos que, ainda que distintas, contam aspectos semelhantes:

[...] o corpo é pensado a partir de uma ideia de conjunto; de semelhantes que estabelecem relações entre si e reconhecem traços não partilhados, que conferem ao corpo a distinção/unicidade capaz de permitir a ele ser, ao mesmo tempo, semelhante e único. Esse processo de definição do corpo engloba, ainda, uma dimensão imaterial composta por sentimentos e vivências experimentadas, de modo único, individualizado. (BATISTA; SARMENTO-PANJOTA, 2014, p. 110).

As marcas nesses corpos, os traumas desse período convivem com Alice e tornam mais aguda a presença de Betina, pois, ainda que seja um assunto delicado, revivê-lo é necessário:

Ansiosa por encontrá-la na rua com o seu menino em um museu ou em qualquer lanchonete, atravesso a cidade como se fosse uma dessas raras turistas movidas por pura curiosidade até que me acostumo a simplesmente esperar. Se eu soubesse seu endereço, se soubesse pelo menos o bairro, teria ido ao seu encontro, mas o exercício da espera se transforma em destino ao qual devo me submeter desde sempre, ao qual me entrego também agora enquanto simplesmente estou aqui e não posso dizer que existo. (TIBURI, 2018, p.39).

Apesar do medo, Alice quer manter uma conexão com Betina e sabe que, para construir esse laço afetivo, ela terá que lhe contar tudo o que aconteceu. Betina, ao final, foi a única

personagem capaz de fazer com que Alice saísse de uma posição de esquecimento de sua história para o início de um processo de se reconhecer e de se aceitar, já que sempre viveu à sombra da irmã e de sua própria história.

### **Considerações finais**

A distopia de Márcia Tiburi aponta para uma ciclicidade de fatos que devem ser controlados para que a história não se repita. São evidentes as semelhanças entre o passado e o presente, principalmente ao se considerar o posicionamento político dos atuais governantes do país e o período da ditadura militar. A retomada de valores e discursos semelhantes remetem a acontecimentos que, mais do que nunca, devem ser lembrados para que sejam evitados. A narrativa parece trazer o aviso do incêndio para que a destruição não se efetive.

Ainda que a distopia tenha sido publicada em 2018 e que, desde então, já tenham ocorrido mudanças na política no país, é interessante observar que assim como tantas outras obras distópicas, as semelhanças entre passado e presente parecem se converter em uma previsão que projetam os fatos para o futuro. Já vivemos uma distopia, mas ainda há chances de sair dela. O incêndio ainda não destruiu tudo, parece ser o aviso que encontramos nesta obra.

Os acontecimentos relatados na cidade de São Paulo, as restrições à população e a cultura do medo instaurada, a ponto de muitos optarem por não falar por medo do que pode ocorrer são marcas de narrativas distópicas que apontam para as características dos governos autoritários. Além disso, a incapacidade das outras personagens de relacionarem esses acontecimentos com algo semelhante no passado mostra que o esquecimento é parte da ciclicidade, de modo que cada vez que a história é esquecida, ela se repete e, para sair desse ciclo vicioso, é importante a constatação da lembrança do que aconteceu.

Além disso, as marcas no corpo de Alice também são reveladoras do quanto não é fácil lembrar o que se procurou esquecer e que, quando não há espaço para que isso seja discutido, parece ser ainda mais complicado retomar essas histórias. A protagonista, por viver muito sozinha e não falar sobre o que viveu antes do contato com Betina, parece, sem querer, estar dentro do ciclo do esquecimento, por razões distintas das reforçadas pelo governo, porém, de todo modo, reforçam o não falar, o esquecer.

Parece sintomático que em um período de retorno à ideias totalitárias, uma distopia que se passa em território brasileiro seja publicada para apontar aspectos de problemas de caráter



político no país. O encontro desta discussão com questões acerca da ditadura militar reforça o entendimento de que para toda distopia, há um utopia e que as decisões que estão sendo tomadas, bem como as aproximações com o período ditatorial carregam consigo ideias que dizem muito sobre os governantes e aqueles que apoiam tais decisões.

Entende-se que a narrativa deixa claro o quanto já se vive uma distopia que, como tal, parece não ser vista por quem está inserido na história/narrativa e, essa relação entre passado, presente e futuro permite deixar ao leitor o alerta de que há como reverter os acontecimentos, porém, caso isso não seja feito, existe a possibilidade a que momentos sombrios retornem. Assim, os alertas associados às semelhanças históricas do passado recente e do presente da história brasileira apontam para possíveis futuros e deixam em aberto sugestões para os leitores pensarem sobre o os rumos da política no país.

## Referências

- BATISTA, Suellen Monteiro; SARMENTO-PANJOTA, Tânia. Torturados e Torturado: Notas sobre ficcionalização do trauma nos contos pós-64. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, 6 (2): 1-134, jul./dez, p. 108-119, 2014.
- BEZERRA, Kátia da Costa. Que bom te ver viva: vozes femininas reivindicando uma outra história. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, UNB, n. 43, p. 35-48, jan./jun. 2014.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Rio de Janeiro: Globo, 2003.
- CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. Golpe militar – 50 anos: memória, história e direitos humanos. *In*: VIEIRA, Rosângela de Lima (org.). **Ecos da ditadura na sociedade brasileira (1964-2014)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 7-12.
- HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v.18, n.2, p. 201-215, 2013.
- JACOBI, Pedro Roberto; CIBIM, Juliana Cassano; SOUZA, Alexandre do Nascimento. Crise da água na Região Metropolitana de São Paulo – 2013-2015. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 19, n. 3, p. 422-444, 2016.
- ORWELL, George. **1984**. Tradução: Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PEREIRA Anderson Martins. **Divergência, insurgência e convergência: uma análise da trilogia Divergente sob a luz das distopias modernas e contemporâneas**. 2017. 147f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Leras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.
- PERLATTO, Fernando. História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964. **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, v. 30, n. 62, p. 721-740, set./dez. 2017.

PIRES, Elena Moraes; SANTOS, Fábio Alexandre dos. A cidade de São Paulo e suas dinâmicas: graffiti, Lei Cidade Limpa e publicidade urbana. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, v. 26, p. 1-27, 2018.

POSSAS, Lídia M. V. Memória e testemunhos dos tempos de ditadura: militância(s), vivência(s), sobrevivência e comemorações. *In*: VIEIRA, Rosângela de Lima (org.). **Ecos da ditadura na sociedade brasileira (1964-2014)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 99-110.

PRIOTTO, Marleide. Ditadura Civil Militar no Brasil: Mulheres Militantes. Paraná: **Cadernos PDE** (online), v. 1, p. 1-19, 2015.

TELES, Maria Amélia de Almeida. A insurgência do feminismo popular sob a ditadura militar. *In*: VIEIRA, Rosângela de Lima (org.). **Ecos da ditadura na sociedade brasileira (1964-2014)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 111-124.

TIBURI, Márcia. **Sob os pés, meu corpo inteiro**. São Paulo: Record, 2018.

VIEIRA, Fatima. The concept of utopia. *In*: CLAEYES, Gregory (Ed.). **The Cambridge companion to Utopian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 3-27.

**THE DYSTOPIC CYCLICITY IN *SOB OS PÉS, MEU CORPO INTEIRO* (2018), BY MARCIA TIBURI - THE PRESENT THAT REVISES THE PAST**

**Abstract:** *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018) by Márcia Tiburi, is a dystopia that tells the story of Alice, a woman who was tortured during the military dictatorship, despite not having direct involvement with political movements, and who lives in the shadows from the story of his sister, Adriana. Alice, upon meeting Betina, her sister's daughter, begins to remember what she lived. In this scenario of memories, the character also presents a dystopian São Paulo, in which political and environmental problems are increasingly present, making life in the capital of São Paulo unsustainable and approaching, in some aspects, a space of social repression. In this work, we seek to understand how the present, past and future relationship can reveal dystopia inside and outside fictional aspects. Therefore, researchers such as Vieira (2010) and Hilário (2013) are used to explore the concept of dystopia and literature, as well as Pires and Santos (2018) and Possas (2018) to discuss aspects of the Brazilian military dictatorship. In this way, the work is identified as influential for discussions on the Brazilian military dictatorship and on symptomatic and worrying aspects of Brazilian politics.

**Keywords:** Brazilian Literature. Dystopia. Dictatorship Military. São Paulo.